



DIÁRIO  
IMAGINARISTA  
DE  
CONEXÕES  
INSTÁVEIS

**FABULAÇÕES ONLINE &  
AVENTURAS PORTA-A-PORTA**

pela bacia do Córrego Cercadinho

CARLA MAGNA | ELISA MARQUES | NURIA MANRESA | LUIZA DE PAULA | SARAH COSTA

1ª MOSTRA CÓRREGOS VIVOS



- 0** Convite à navegação  
*Por onde semeamos, regamos e colhemos*
- 1** Preparativos para a viagem à Bacia do Cercadinho  
*Em busca de Jardins Videntes*
- 2** Raízes  
*Comunicação entre raízes. Root web.*
- 3** A Musa do Cercadinho  
*Musa Paradisiaca*
- 4** Guerrilheiras Verdes
- 5** A Floresta de Mandrágoras
- 6** Granadas verdes do Ponte Queimada  
*Solanum aethiopicum – Sinônimo Solanum gilo*
- 7** Belvedere  
*As torres mirantes e os jardins de cerrado*
- 8** Haváí  
*Em buscas de rotas biogeográficas originárias*
- 9** O dia em que eu pari begônias

**10** Palmeiras  
*Cuidar: um trabalho sem fim, sem utilidade.*

**11** As ruas com nomes de planta

**12** Coração Magoado  
*Os seus, os meus, os nossos*

**13** Os olhos de minha avó

**14** O fogo e a água  
As queimadas e as enchentes. O silêncio e a raiva.

**15 a 18**

Jardins por vir. Em processo. Sementeira





# 0

## Convite à navegação

*Por onde semeamos, regamos e colhemos*

Estimadas leitoras,

Convidamos vocês a embarcarem nestes escritos, rastros da intensidade de dois meses de navegação de cinco viajantes, jardineiras de um terreno subjetivo, imaginário, visceral, terroso, aquático, vegetal e mineral, em uma bacia hidrográfica urbana. As narrativas que se seguem contam dos modos de fazer e cuidar de jardins e de se relacionar ou de ser natureza que encontramos e experimentamos na bacia do Córrego Cercadinho, da nascente à foz. Devemos confessar que nessa viagem-jardinagem se misturaram nossas entranhas e experiências pessoais de tal forma que tornou-se difícil separar corpo, memória e território. Todas as cinco que escrevem são moradoras de Belo Horizonte, nem todas moradoras da região do Cercadinho, todas mulheres, todas jardineiras, todas cuidadoras, todas imaginaristas.



# 1

Preparativos para a viagem à Bacia do Cercadinho:  
em busca de Jardins Vivos

*Partida de Nova Viçosa, na Bahia, e dos Bairros Santo Antônio, Sagrada Família e Salgado Filho, para a Bacia do Cercadinho, em Belo Horizonte.*

Os córregos, essa esfera do território urbano ignorada ao longo dos anos por planejadores e cientistas, são vividos e debatidos pela população belo horizontina desde muito antes de janeiro de 2020 (período em que ocorreram trágicas enchentes na cidade, com a perda de muitas vidas e com grande repercussão na mídia e no debate político).

Os curadores da Mostra Córregos Vivos, convencidos das vantagens de se valorizar as bacias hidrográficas da região metropolitana de Belo Horizonte, trouxeram à tona a região da Bacia do Cercadinho, que possui dois córregos da cidade que ainda estão em seu leito natural e abertos em alguns pontos.

Uma das cinco missões da Mostra é levantar as múltiplas abordagens etnobotânicas do território urbano. A honrosa escolha para essa viagem recaiu em nós cinco e encontramos-nos, com nossos interesses de partida: a Luiza para a botânica, a Elisa para o afeto, a Sarah para os cultivos nativos em quintais ciliares, a Carla para articulação local e cultivos públicos e a Núria para imaginação de espaços plantados. Recebemos, portanto, a 5 de Setembro de 2020, o aviso de seguir viagem o quanto antes para a Bacia do Cercadinho, na zona oeste da megalópole Belo Horizonte.

Empecilhos supervenientes obrigaram, entretanto, os curadores a adiarem por algum tempo a viagem. Pouco depois, foi manifestado o desejo de que se empreendesse a viagem, mesmo com as situações adversas. Considerando a situação atual, traçamos estratégias para alcançar o território de estudo. Para a jornada em questão, nos preparamos com internet, wi-fi, computadores, celulares, máquinas fotográficas, gravadores, fones de ouvido, aplicativos de georreferenciamento em três dimensões, cartas por e-mail e aplicativos de reuniões, máscaras e álcool em gel.

Nossas interações, remotas e hipermediadas, configuraram uma espécie de etnografia vaporosa. Foi por meio de nossas conexões instáveis, mas nada superficiais, que vivenciamos os episódios de jardinagem que aqui compartilhamos. São histórias vividas, imaginadas e sonhadas, no calor da terra, no frescor da água e no espaço imaterial das redes e de nossas mentes.





# 2

## Raízes

*Comunicação entre raízes. Root web.*

Viver no Brasil quer dizer carregar marcas da colonização (de exploração) em nossa forma de pensar, agir, comunicar, relacionar – com os outros, com nós mesmos, com a terra. Significa que precisamos nos atentar para nossas raízes, buscar de onde elas vêm, lembrarmos que são elas que podem nos sustentar de pé.

Felizmente, no Brasil, o clima quente dos trópicos, com pouca variação de temperatura e alta pluviosidade concentrada, nos favorece para conexão com a terra e com nossas raízes: a matéria orgânica se decompõe rapidamente, criando um solo rico, de grande biodiversidade. Nosso solo apresenta intenso e profundo enraizamento. As raízes percorrem e exploram grandes volumes de solo e não se contentam em estar na superfície, entram para dentro da terra penetrando as camadas do subsolo, encontrando aconchego fresco e águas subterrâneas.

\*\*\*

As raízes assumem formas variadas, com extremidades que podem ser ouriçadas, comportadas, robustas, lineares, curvadas ou emaranhadas. Desempenham diversas funções ao mesmo tempo, servindo de sustentação e cuidando para que nunca falte água e nutrientes. São também alimento. Quando vizinhas, se comunicam e trocam todo tipo de informação, até alertas de perigos na vizinhança. Suas redes são amplas, complexas, persistentes, e permanecem por gerações. Inspiram resistência, mas sabem ser delicadas e melindrosas para alcançarem seus objetivos. Dar o seu melhor para gerar uma prole viável e saudável é sempre tido como essencial. O mais incrível é que elas reconhecem seus limites, sabem onde parar quando lhes é dado espaço. Do contrário, podem causar estragos, ou, em outras palavras, quebrar estruturas e gerar conexões instáveis. Conhecem muito bem de subversão, mas geralmente optam pelo caminho mais harmonioso quando não há competição por recurso. Suas formas refletem suas origens, contam histórias, são sempre a base.

As páginas a seguir surgiram do enraizamento de/entre cinco jardineiras.

Belo Horizonte, 05 de setembro de 2020

**Elisa, Luiza, Carla e Sarah,**

Como estão?

Meu nome é Núria e estou bem animada em construirmos juntas a mostra dos Córregos Vivos com o tema Jardins Vivos. Para começar, já que não nos conhecemos, queira tentar fazer um exercício breve de escrever sobre minha relação mais íntima com os jardins e convido vocês a fazerem o mesmo se sentirem vontade, assim nos conhecemos um pouco. Acham massa?

Apesar de ser arquiteta, minha relação inicial com os jardins não parte dos jardins planejados. Meus primeiros jardins são jardins comestíveis narrados. Quero começar pela minha avó materna, Josefa. Sou neta de agricultores familiares, mas nunca conheci a roça deles. Quando nasci, já haviam se aposentado, vendido a roça e moravam em um apartamento de uma pequena cidade. De onde eles vêm, agricultores familiares se aposentam (ou aposentavam) com tranquilidade.

Minha avó era uma mulher sábia, boa contadora de histórias, apesar dos poucos estudos. Nasceu em uma pequena cidade. Aos 8 perdeu a mãe e aos 23 perdeu o pai. Começou a trabalhar ainda criança em uma fábrica de canetas, talvez daí vinha seu fascínio pelo mundo dos escritos. Após a morte de seu pai se casou com meu avô, de família camponesa, e foi com ele e com sua sogra que aprendeu a lida com a terra e sobre muitas outras coisas.

Minha avó fazia muitas simpatias. A que mais me chamava a atenção era uma que fazia quando estávamos resfriados. Ela ficava sozinha na cozinha e, com água e óleo, e murmurando algumas palavras, descobria se havíamos nos resfriado pelos ares da manhã, da tarde ou da noite, e dependendo da resposta tomava os respectivos cuidados. Quando criança, eu gostava de espiar quando ela ia para a cozinha com seu avental murmurar as palavras e manejar os óleos. Sempre pedia a ela para me ensinar a simpatia da gripe. Ela teve 7 netos. Disse que ensinaria a mim e a outro primo. O outro primo, não sei se aprendeu, virou enfermeiro. Eu ainda me lembro do dia que ela decidiu me ensinar. Me pegou pela mão e com um olhar sério disse que havia chegado a hora. Quando ela começou a explicação, eu com todo o deboche próprio da adolescência urbana e a soberba de uma primeira geração da família que finalmente tinha a oportunidade de fazer o ensino médio, fiz algum comentário engraçadinho relacionando a crença e a ciência. O que a fez voltar atrás em sua escolha. Hoje adulta me arrependo bem desta reação. Não por achar que

seria boa curandeira. Mas por ter desprezado um saber ensinado de gerações em gerações e que traz no fazer um modo de viver e de cuidar.

Eu já era adulta, tinha me formado havia 2 anos e era noite, minha avó estava em sua cadeira de balanço e eu na mesa de jantar com o computador aberto. Ela me perguntou o que fazia e contei a ela que conversava pela internet com grupos que decidiam fazer hortas urbanas em áreas remanescentes. Em meu tcc na arquitetura investiguei hortas e jardins construídos por vizinhos, que formavam espaços coletivos na cidade. Contei a ela de como me encantava essa tomada de terra urbana e como era mal distribuída a terra no Brasil. Ela achou muita graça do meu entusiasmo e comentou: "Núria, você é muito engraçada, estudou tanto para voltar para a terra." Perguntei se ela não sentia falta do campo e ela disse com firmeza que não, que, apesar de ter sido o seu sustento e de suas filhas, era uma vida sofrida. Depois comentou algo de sua filha mais velha, que apesar de ter tido vida na cidade sempre estava a plantar algo. Assim como minha mãe, sua filha temporona e que pouco viveu no campo, mas que sempre estava a plantar e mexer nas plantas. Depois dessa prosa, minha avó se levantou da cadeira e disse que ia dormir, falei que em seguida ia em seu quarto lhe dar o beijo de boa noite. Desliguei o computador e fui ao seu quarto. Encontrei minha vó na cama, os braços estendidos, o primeiro botão da camisa desabotoado e já sem batimentos cardíacos.

A última pessoa com quem minha avó conversou fui eu. Uma prosa sobre terra, trabalho, vida e cuidados. Penso que aquela mulher sábia me deu uma segunda chance depois do episódio adolescente. Minha avó faleceu 2 anos depois que eu me formei na faculdade e dois anos antes de minha filha Rita nascer. Hoje Rita tem 4 anos, vivo um dia-a-dia de cuidados, trabalhos domésticos, trabalhos não domésticos, plantios e estudos. O plantar e o cuidar estão intimamente relacionados. Estão também relacionados o patriarcado e a destruição dos elementos da natureza e seus saberes, ambos fazem parte do mesmo sistema de pensamento e dominação. Mas acho que essa prosa fica para desenrolar depois.

E de onde vem a relação mais íntima de vocês com os jardins?

abraços,

**Núria**

\*\*\*

Belo Horizonte, 06 de setembro de 2020

**Ei Núria, Carla, Luiza e Sarah,**

que alegria fazer parte desse grupo e de todo esse movimento, estou super a fim de conhecer vocês para começarmos a afofar as terras desses jardins!

Núria, muito bonito seu relato, que experiência forte essa de vida e de morte com a sua avó. Realmente uma oportunidade muito rica de encontro pela terra, né?

Minha associação direta mais forte à ideia de jardim ou de plantio é uma sensação que tenho ao observar a relação da minha mãe com a terra. Me encanta principalmente o seu gestual, sua forma certa de pegar nas mudas, na terra, seu prazer relaxado em regar, sempre nas horas frescas e sombreadas, assoviando ou cantando.

Minha mãe construiu a nossa casa nos fundos da casa dos meus avós, no bairro Sagrada Família. Para nossa casa existir, foi derrubado um enorme quintal, com abacateiro, mangueira, parreira, bananeira e todo tipo de erva. Eu tenho memórias vagas desse quintal, mas são memórias de muito prazer e também de um certo mistério. Me lembro de brincar de tirar “cabelinhos” dos troncos das bananeiras e de balançar num balanço muito alto. Nessa família, quem gostava do quintal era o meu avô. Minha avó curtia mais o jardim da frente, bem podado, grama japonesa e muitas roseiras. Tenho a impressão de que para ela era muito importante superar a origem da roça, uma vez que tinham vindo do norte de Minas para capital. Apesar disso, o que mais faz seus olhinhos brilharem até hoje é contar casos da infância na fazenda.

Bem, apesar da tristeza que possa significar a perda do enorme quintal, a construção dessa casa foi uma felicidade em nossas vidas. Mantivemos assim mesmo um ótimo espaço livre, com canteiros e até algumas árvores. Nesse mesmo lugar aconteceu a festa de casamento dos meus pais, eu brinquei toda a minha infância, eu festejei meu próprio casamento e hoje meu filho brinca toda manhã. Ele também tem 4 anos e tem nos mostrado o maravilhoso poder da fantasia. Um dia ele cria uma floresta amazônica, no outro pratica treinamentos-ninja em um enorme bambuzal mágico, e no outro ainda faz uma viagem intergaláctica.

Com essa experiência da casa e do quintal e principalmente pela postura da minha mãe, aprendi que a natureza é viva, é movente, e que a maior potência de relação com ela é pelo manejo, pela apropriação e por sua transformação, a partir das transformações de nossas próprias vidas. A ideia de conservação talvez seja o contrário da força regenerativa e mutante da natureza, que estará garantida desde

que a gente estabeleça uma relação equânime.

Estou nesse momento fazendo uma pesquisa que a princípio parece se concentrar no entendimento dessa relação de cuidado entre mulheres e natureza, na cidade. Mas ainda estou buscando meus fios condutores, e a vida em isolamento social, apesar de trazer muitas belezas pela intensidade de convívio com a minha pequena família, com a nossa casa e quintal, tem tirado boa parte de minha capacidade de trabalho extra-doméstico. Espero me organizar e conseguir contribuir e aproveitar ao máximo dos nossos encontros e conversas!

Grande abraço!

Muito prazer,

**Elisa**

\*\*\*

Nova Viçosa – Bahia, 08 de Setembro de 2020

**Oi garotas,**

Tudo bem?

Estou bem feliz de fazer parte desse projeto. Gostei muito dos relatos da Núria e da Elisa. São experiências lindas, que demonstram a sensibilidade de vocês com a vida, as relações de afeto e as histórias. É bonito ver como que os primeiros contatos com a natureza, ainda na infância, marcam a gente para uma vida inteira. É interessante também ver como existem personagens marcantes nessas histórias, incluindo avôs e avós, pais e mães, e outros entes queridos. A vida é uma eterna troca de aprendizados. No meu caso, não foi diferente. Nasci em uma cidade do interior de Minas, de onde vem a família do meu pai. Meu pai tem onze irmãos, eu tenho apenas um, mas cresci rodeada de primos.

Nas cidades do interior, naquela época, os filhos eram criados, educados e cuidados por muitas famílias, como os pais trabalhavam, eles se revezavam para buscar os filhos na escola, levar as crianças para os sítios durante férias e feriados, ou durante os finais de semana. Então era sempre uma farra danada, várias crianças juntas se revezando nas casas dos parentes.

Assim, cresci com o pé no chão, solta em muitos quintais diferentes. Alguns quintais me marcaram mais, e geralmente foram aqueles conhecidos como "pomares". Me lembro muito da jabuticabeira da casa da Tia Dadá, o pé ficava carregadinho, e era uma delícia passar a tarde pendurada ali com meus primos

e meu irmão, chupando jabuticaba e cuspidando o caroço. Eu achava o tronco da jabuticabeira muito diferente, a casca se soltava e formava uns desenhos que me encantavam. Sem falar no cheiro das folhas. Naquele quintal, tinha também pé de limão e laranja, e eu ficava ali embriagada com as essências cítricas. Me lembro também do pomar da Tia Nair, ela era na verdade tia do meu pai, e possuía uma fazenda muito bem arrumada. Esse foi o pomar mais bonito que já conheci, tinha de tudo, até tamarindo, algodão e carambola. Seu posicionamento também me atraía, ficava perto de um criatório de jabutis, entre eles indivíduos muito jovens e aqueles com mais de cinquenta anos, e no meio das árvores que cresciam nesse criatório, haviam tábuas com mamão, para atrair micos que viviam soltos na região. Então era um verdadeiro paraíso, eu amava correr pelo pomar, investigar o que faziam os jabutis e alimentar os macaquinhos. Sempre queria levar alguma coisa para casa, entre elas frutas e até mesmo os jabutis e os macacos. Vocês acham que meus pais deixavam? Somente as frutas, mas a Tia Nair sempre dava um jeito de mandar entregar os outros desejos. Uma semana após o 'chororô', ela dava um jeito de me enviar algum bichinho. Costumávamos passar férias e finais de semana na fazenda dela, que se revezava entre diversas tarefas domésticas, incluindo a confecção de biscoitos de goma – que saíam quentinhos do forno – de linguíças, que eram feitas manualmente, além dos sucos deliciosos com as frutas do pomar. Tamarindo era a minha favorita, azedinho e doce ao mesmo tempo.

Na infância, eu não tinha muitos olhos para os jardins planejados, por mais que minha mãe adorasse. Na nossa casa, até hoje temos um jardim muito bonito, com diversas plantas ornamentais. Mas eu só comecei a olhar para ele com outros olhos depois que entrei na Biologia – e quando meu pai plantou os pés de fruta. Acho que essa história de comer é o que sempre me atraiu (risos). Os vários caminhos percorridos dentro da Biologia me levaram para as plantas, por mais que eu gostasse – aparentemente – mais de bicho do que de planta. As plantas têm um mistério diferente, e de repente me vi olhando para elas de uma forma investigativa, como se estivesse descobrindo um mundo novo. Elas nos dizem tanta coisa: histórico de uso do solo, proximidade com as águas, remédios, alimentos, casa... e por aí vai. Fui seduzida e me tornei botânica.

No entorno dos pomares e fazendas da minha infância, tinham muitos afloramentos de granito, conhecidos no mundo das Ciências Naturais como inselbergs. Foi brincando também sobre as pedras da região que despertei interesse pela vegetação que crescia nas frestas rochosas. Anos mais tarde, quando já fazia estágio no laboratório de Botânica na UFMG, incentivada por alguns colegas, resolvi estudar as plantas que cresciam sobre os inselbergs perto da minha terra natal. Os inselbergs

são um laboratório maravilhoso para se estudar plantas. Entretanto, durante as minhas viagens para busca de dados, dentro de uma visão analítica, fui aos poucos me apaixonando pelos jardins naturais que se formavam sobre a rocha. Além de muito tropicais, com palmeiras, bromélias e cactos, eles se formavam naturalmente de forma circular sobre as pedras e cascalhos. Sempre me lembravam muito dos famosos jardins de Burt Marx, mas estavam ali, por centenas de anos (alguns indivíduos de canelas-de-ema, por exemplo, podem chegar até 500 anos), e haviam se formado pela simples dinâmica da natureza. Mais incrível foi descobrir as jabuticabas e goiabinhas do mato, que são uma delícia e só comidas pelo pessoal da região. Foi aí que percebi que as possibilidades de jardins são infinitas, e que aqueles jardins eram algo muito especial. A partir daí comecei a olhar diferente para os jardins das roças, o jardim da minha casa, os canteiros urbanos.... Entretanto, uma coisa me intrigava: muitos desses jardins eram parecidos, as mesmas plantas eram utilizadas ou tidas como "bonitas". Por que as pessoas não cultivavam as plantas nativas da sua região? Por que não cultivavam a jabuticaba e a goiaba do mato? E as violetas dos inselbergs? Ainda não encontrei respostas, mas percebi que essa relação de plantas e pessoas é algo muito curioso, como a minha relação com os pomares.

Contudo, acabei seguindo um caminho mais acadêmico e duro. Até que, em 2018, um mês antes de entregar a tese de doutorado, fui convidada por um alemão, que é jornalista e antropólogo, para acompanhá-lo em uma viagem pelo Rio Negro. Ele tinha por objetivo entender a relação dos povos Baniwa e suas tradições shamânicas, o que incluía uma 'planta de poder', e me convidou para ser consultora biológica da equipe, que tinha um integrante da Funai, um fotógrafo italiano e mais três indígenas. Por duas semanas nos enveredamos pelo Rio Negro e afluentes, até a divisa com a Colômbia. Fomos recebidos de uma maneira muito hospitaleira em todas as comunidades que permeamos, fazendo uma troca muito bonita entre os conhecimentos. Estava certa de que a Amazônia era diferente de tudo que eu já havia visto na vida, e conhecer a flora e ao mesmo tempo ter uma experiência com os povos locais me marcou muito. Percebi a importância de ser bióloga, especialmente no contexto político atual, em que a ciência está sendo tão "atacada". Entretanto, a ciência descontextualizada perdeu o sentido. A vontade de dialogar com outros saberes, que já existia aqui dentro, voltou a crescer.

No momento, estou morando no sul da Bahia. Minha família tem um sítio por aqui. Em meio ao trabalho acadêmico de "home office", estou dando minhas escapulidas: fazendo horta, trocando mudas e batendo papo com as vizinhas. No meio disso tudo, veio essa chamada para o Córregos Vivos. E eu, que estou bem vivinha nesse

rio da vida, fiquei animada de participar com vocês dessa experiência que está por vir. Vai ser um prazer enorme trocar saberes, aprender a me comunicar melhor, discutir a mais variadas estéticas de jardins e quintais, e me deliciar com as diversas histórias e vivências de vocês e da região da sub-bacia do córrego Cercadinho.

Abraços e até breve,

**Luiza**

\*\*\*

Belo Horizonte, 08 de Setembro de 2020

**Boa tarde,**

Acho a ideia maravilhosa, fiquei emocionada com o seu relato Núria, também achei muito bonito o seu Elisa e encantada com o da Luiza. Meu nome é Sarah e também estou animada com esse projeto, achei muito interessante a pergunta e me fez muito refletir. De onde vem minha relação mais íntima com os jardins?

Neta de Dona Jandira que produz um remédio caseiro com diversas ervas para passar em machucados. Quantas vezes eu sofri com o ardor desse remédio ao brincar, cair e machucar o joelho. Como sou grata! Me lembrei também das brincadeiras no universo do quintal de minha avó, eu e minha querida prima, infinidades de formigas, pontes e castelos de barro, narrativas e tempestades, tsunamis, afogávamos as formigas. Saudades infância hahah.

Filha do Itamar Martins de Bom Brillantismo, da luta antimanicomial, bem humilde morador da comunidade do Cabana do Pai Tomás há mais de 50 anos. Quando ainda em sua sanidade, ele comprou um lote na cidade de Esmeraldas e começou a construir. Me lembro que me divertia com a terra vermelha e com a vegetação do entorno.

Filha também de Antonia Maria, sou muito grata, pois ela se esforçou para me dar a melhor educação que acreditava e podia. Por isso, apesar de nascida e criada em periferia, eu estudei em boas escolas.

Na adolescência tive uma experiência típica urbana, eu gostava era da rua e fui acolhida pela cena de hip hop de Belo Horizonte da época, foi quando tive o privilégio de vivenciar esse movimento e me apropriar dos questionamentos e reflexões que a desigualdade e as mazelas urbanas traziam. Confesso que até hoje eu quero mudar o mundo.

Conheci a permacultura e me apaixonei pela teoria. A partir dessa paixão, fiz algumas vivências, cursos, sempre direcionada para esse contexto, bioconstrução, agrofloresta, plantas medicinais e terapias integrativas... até hoje busco alinhar minhas atividades e meu percurso acadêmico para essas temáticas. Fui bolsista do AUÊ - Grupo de estudos de agroecologia urbana e vi de pertinho processos maravilhosos acontecerem, como a construção da feira agroecológica da UFMG e também a dinâmica de construção do ENA - Encontro Nacional de Agroecologia.

Atualmente, estou trabalhando no IBGE, em um contrato temporário com a instituição. Então, nos últimos dois anos acabei me afastando das atividades e das articulações agroecológicas. Porém, nem tanto. Hoje estou morando no bairro Salgado Filho, o bairro mais próximo que encontrei pelo mapa foi o Havaí. Estou bem pertinho da bacia do Cercadinho, em uma casa que foi construída pelos avós do meu companheiro. Aqui, ouço muitas histórias, região baixa, antiga área de brejo, já ouvi que aqui as águas brotavam do chão, que a terra já produziu arroz, carambola, pé de tudo qualquer coisa, até cabras eram criadas aqui neste quintal.

Moro aqui há pouco tempo e ainda não conheço outros quintais na região. Neste momento, o movimento é de construção de um laboratório de permacultura urbana aqui, experimentando e incentivando práticas simples que podem fazer a diferença. Me senti em sintonia com esse projeto.

Acredito que minha relação mais íntima com os jardins vem de uma contrariedade com os problemas sociais e econômicos da nossa sociedade urbana. E dessa relação me conectei com algo maior, para além da materialidade, eu acredito que a aproximação com a terra cura.

Espero aprender, trocar e pode contribuir.

Há braços,

**Sarah Costa**

\*\*\*

Belo Horizonte, 08 de Setembro de 2020

## **Queridas Viventes!**

Peço desculpa pela demora. Não sou boa com escrita! Rsr

Como sou líder comunitária, eu falo pouco sobre a minha pessoa e mais sobre as causas!

Respondendo o assunto Raízes e Jardins:

Creio que na foto enviada com as raízes dos jardins a minha deve ser a mais bagunçada, tipo meu cabelo!

"A gente sai do Sertão, é cuidando dele afora "

"E o Sertão é dentro da Gente" – Guimarães Rosa.

Ela teve o marido escolhido pelo pai. Enquanto na sala o pai acordava seu casamento, ela fez um buraco na parede de adobe para saber quem era. Ficou surpresa! Ao avistar aquele homem alto, olhos verdes, ela o achou lindo! Ela só não sabia de uma coisa: como ele seria bom e reconhecido na região como marceneiro. Ele fazia telhados das fazendas. Construtor. Joaquim Rosa, da Terra de Guimarães Rosa.

Quando ela estava com minha idade, ela tinha 7 filhos. Ele morreu.

Depois do enterro, ela mandou as filhas irem na vendinha buscar querosene para a lamparina. O dono da venda respondeu que não poderia vender pois, como o marido havia morrido, elas não teriam como pagar. E assim elas ficaram no escuro e sem mantimentos. Mas nessas terras aconteciam as melhores festas de sanfoneiros, todos comiam e bebiam de graça nas festas. E a escuridão nunca apagou a alegria! A minha vida não foi diferente! Com momentos de escuridão, como acontece com todos! Mas eu não abro mão de boa gargalhada!

Quando era criança, meus coleguinhas com condições melhores iam para praia Guarapari. Eu também ia, mas sempre alternava as férias com a ida para o Cerrado, local em que morava minha avó. Eu com oito anos queria mesmo era ir para a praia. Passávamos por várias lagoas... as sete lagoas, que hoje não existem mais. E no caminho íamos parando, colhendo um fruto que não se podia morder, pois tinha muito espinho por dentro. As árvores todas tortas e com casca grossa. E uma poeira alaranjada, um sol forte, um céu rosa. As estrelas pareciam estar tão perto. E a coisa mais maravilhosa de tudo isso, eram os rios. Transparentes, você via o fundo. A água com temperatura perfeita. O sabor da água! A água tomada na cuia.

Na sala tinha Cristaleira. Até hoje sou apaixonada.

A comida no fogão à lenha, saborosa, mas com muita pimenta! E à noite sempre com uma viola ou sanfona, com melodias alegres, ao mesmo tempo tristes.

Em busca de fruta, junto com minha prima Bruna, encontramos uma no chão. Quando coloquei na boca logo joguei fora! Estava com areia! E minha prima riu e disse que a fruta é “areosa”, chamada Araticum.

As frutas que eu conheci no Cerrado, você as pega no chão e não nas árvores. O Jatobá, o Araticum, o Pequi! Com cheiros fortes!

E minha avó, para criar sete filhos sem marido, as ervas medicinais eram única forma de cuidar da saúde.

Ao retornar ao Cerrado vi que lagoas secaram, os pequis deram lugar ao eucaliptos. Os córregos secaram. As pessoas não sabem que o Cerrado é considerado uma mata extinta. Pois não tem como reflorestar. Ela é de um crescimento lento e unificado com todo o meio. Ela é uma das vegetação mais antigas.

A nossa formação na infância com meio ambiente é muito forte. Por isso que sempre volto os projetos ambientais para as crianças. Eu sempre fui ambientalista. Comecei a fazer jardim como forma de resistência, de provocação. Com intuito de educação ambiental e de combater os lixões. Junto a isso, contei com a imprensa, com audiovisual, com literatura, com pintura, com música, bloco de carnaval. Também cobrei muito dos órgãos públicos. Mas de uma forma diferente. Eu não critico o órgão público. Eu pergunto como eu posso ajudar e como ele pode me ajudar.

Agora esse ano eu comecei a pensar sobre o significado das plantas. Comecei tem dois meses. E creio que podemos avançar juntas neste conhecimentos. Meu celular está mudando as palavras na correção de texto. E estou sem óculos. Espero que eu tenha respondido sobre Raízes.

Amanhã eu envio notícias do Cercadinho.

E o que eu espero do grupo.

**Carla Magna**

...



# 3

## A Musa do Cercadinho

### *Musa Paradisiáca*

A 6 de outubro, às 11 horas da manhã de uma terça-feira quente de 2020, foi conectada a internet desde os bairros Santo Antônio e Salgado Filho, em Belo Horizonte, e em Nova Viçosa na Bahia . Após avistarmos o planeta terra redondo e azul cada uma pela tela de seu computador, fizemos upload de arquivos kmz com os seguintes dados: nascentes cadastradas pela prefeitura de belo horizonte, limite da bacia do cercadinho e dos dois córregos pertencentes a essa bacia: Cercadinho e Ponte Queimada. E assim começou nossa viagem que será narrada neste diário.

Durante a manhã, três das cinco viajantes, embarcadas na sala virtual, com um misto de alegria e ansiedade, vestiram seus adereços de cabeça e iniciaram a navegação. Aquela a quem a má conexão não havia tirado a presença de espírito, compreendia que a alta adesão de home office na região causava repetidas perdas de conexão ao longo do dia. Contando com a instabilidade da companhia, aguardávamos pacientemente até que a certa hora conseguimos conexão estável e nos reunimos com espírito de partida em direção ao norte, nas proximidades da Av. Tereza Cristina. Este ponto é a foz da bacia do Cercadinho, onde o córrego deságua no rio Arrudas. Seguimos contra a corrente, rumo sul, percorrendo a linha azul do arquivo kmz, sobreposta à imagem marrom do córrego urbano Cercadinho.

A 160 metros do ponto de partida encontramos à margem direita uma maciço de vegetação ciliar com 180 metros de comprimento e com largura variando de 20 metros no eixo mais ao Norte e a 100m de largura, no eixo mais ao Sul do polígono da mata encontrada. O polígono de mata totaliza, aproximadamente, um perímetro de 428 metros e uma área de 7.735 m<sup>2</sup>. Com o empenho e ajuda do zoom as navegantes identificaram a presença de muitas bananeiras, verdadeiros bananais ciliares. O reconhecimento da banana por imagens aéreas é facilitado, pois suas folhas ornamentais e grandiosas se destacam. A botânica Luiza confirmou se tratar da espécie *Musa paradisiáca* e explicou ser esta uma espécie nativa da Ásia e trazida para o Brasil pelos colonizadores europeus. As demais tripulantes, ficaram surpresas com a informação já que tal espécie muitas vezes considerada

símbolo dos plantios periféricos do Brasil, se adaptou muito bem ao território e é muito apreciada pelo paladar nativo. Sarah contou que tem costume de preparar a chamada carne louca feita da casca da banana e achamos pertinente dividir com vocês, nossos leitores, tal receita feita a partir da nossa musa.

Constatamos que já que não se trata de uma musa nativa e a reprodução de tal espécie não se dá por sementes, logo era provável que mãos humanas haviam plantado ali o primeiro indivíduo na beira do córrego e esta indivíduo foi se multiplicando por gerações e criando aquela mata de bananeiras. A botânica explica que a bananeira é partenogênica e clonal, isto significa que os novos brotos carregam os genes da mãe, a resistência é repassada. Ficamos pensando na primeira bananeira que chegou ao córrego cercadinho, a matriarca, a que pariu sua filha ali na beira das águas, que por sua vez pariu a neta, e foi só aí que vieram os frutos,- pois a bananeira só dá frutos quando se torna avó. É a avó que fornece alimento para os bichos e gentes daquela região e fornece também alimento para a alma. O umbigo de bananeira além de servir para um delicioso preparo de caponata, é usado em Ebós e trabalhos que solucionam problemas amorosos.

De súbito, o Siruco, vento Sudoeste nos levou para águas situadas entre o Maranhão e o Pará, nos lembrando que somos navegadoras iniciantes e a oportunidade nos permitiu vislumbrar uma sobreposição de imagens de um possível futuro de matas ciliares comestíveis e habitadas. Um rurano. Um urbrano. Ou apenas uma urbe onde natureza e humanos estão fundidos. Após este pequeno desvio voltamos a clicar no arquivo kmz da nossa região demarcada. O relógio marcou 11:45 e decidimos parar para fazer o almoço.

\*\*\*

## **RECEITA DE CARNE DE CASCA DE BANANA DA SARAH:**

- 1- Limpe e higienize a banana (verde ou madura).
- 2 - Com auxílio de um garfo, desfie a casca.
- 3 - Coloque a casca desfiada em uma solução de água e vinagre por 5 minutos.
- 4 - Acrescente azeitona, cebola, pimentão, molho de tomate, alho e sal a gosto.
- 5 - Cozinhe.

### **Incentivo:**

*Sabe o que é mais legal dessa receita? É que aproveitamos a casca de banana e diminuimos a produção de lixo da nossa cozinha. Além de ser saborosa e nutritiva: a casca contém quantidades elevadas de vitaminas B6, magnésio, potássio, fibras e proteínas. Contém também triptofano, um aminoácido essencial para produção de serotonina – hormônio ligado à regulação de humor, sono, apetite, ritmo cardíaco, temperatura corporal, sensibilidade e funções intelectuais!*



# 4

## Guerrilheiras Verdes

Foi num domingo à tarde, dia 4 de Outubro de 2020, que recebemos a mensagem virtual escrita da aventureira Carla Magna, através de um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones: – 177.

Ficamos curiosas, já que não chegaram mais informações, o que seria “177”? Era uma tarde de sol muito forte, e havia alertas de que a temperatura estaria muito alta naquela semana. Depois começaram a chegar mensagens de voz:

*– As ruas estão desertas. Estou sozinha e sinto um pouco de medo. O cheiro da fumaça aqui no bairro está forte. Um som que vem da mata me aflige. Tem também um barulho de moto, estou assustada.*

Silêncio novamente, sem novas mensagens. Aquela sensação de estar sozinha em um lugar isolado, conhecida por grande parte das fêmeas, tomou conta do grupo. Poucos minutos se passaram, e novos áudios apareceram:

*– Gente, achei duas jardineiras, os jardins delas são diferentes! Mas eles estão sendo ameaçados. Acho que não podemos localizá-los no mapa. Eles estão próximos da margem do córrego, mas terão que ficar secretos. Um dos jardins está foragido, ele tem uma árvore frutífera que existia no local antes da urbanização. Os jardins delas têm sido regados com ingredientes diferentes: lágrimas. Uma delas, com quase 80 anos, chora quando o órgão fiscalizador vai ao local, e ameaça arrancar seu abacateiro. Uma delas me deu jiló. Os jardins estão próximos da beira do Córrego Ponte Queimada, são lindos.*

Carla é moradora do bairro Palmeiras e se propôs a partir em aventuras de porta-a-porta ao longo da bacia do Cercadinho. Nessa tarde combinamos que ela buscaria jardins no Córrego Ponte Queimada. Na região, havia rumores de ambientalistas secretas e anônimas, outras as chamavam de “guerrilheiras verdes”, por espalharem árvores frutíferas nos bairros, sem permissão da Prefeitura, ou por esconderem quintais multifuncionais atrás de árvores ornamentais que sombreiam as ruas. Cuidadosamente, Carla vestiu a sua máscara e saiu em busca da dita sociedade secreta.

Do outro lado das redes, Núria, Luiza, Sarah e Elisa aguardavam notícias, fotos, vídeos, áudios ou quaisquer pistas que pudessem desvendar aquele mistério. Por que havia rumores dessa sociedade secreta? Por que é proibido plantar na região? Será que os quintais e jardins que ali se escondiam guardavam segredos a sete chaves? As perguntas só aumentavam em nossas cabeças.

De repente, Carla informou que 177 era o número da casa onde se encontrava um dos jardins, e por ora optamos por não revelar o endereço completo. Núria se dispôs a navegar, também sozinha, através de um aplicativo virtual de georreferenciamento em três dimensões.

Rapidamente, Núria encontrou o endereço. Juntou as descrições de Carla, averiguou os diferentes ângulos do objeto-alvo, e sem procrastinar nos enviou um croqui do local. Núria disse que seu croqui tinha sido inspirado nos desenhos de Yukiko Suto, um desenhista que registra os jardins de subúrbio do Japão. Ansiedade, expectativas, curiosidade, tudo ao mesmo tempo. Carla confirmou que se tratava de um dos jardins, porém, não revelou a jardineira. Espada-de-São-Jorge, Bromélias, Beijinhos, Costela-de-Adão, Coração-Magoado, tudo ali na fachada da casa. Era um jardim que refletia cuidado com a posição de cada vaso. Eram muitos estratos, cores e texturas. Com certeza escondia, ou revelava, dicas de plantio, afeto, namoros de portão, troca de olhares, risadas, um bom dia cansado ou um boa noite animado, já que estava ali bem ao lado do portão de entrada.

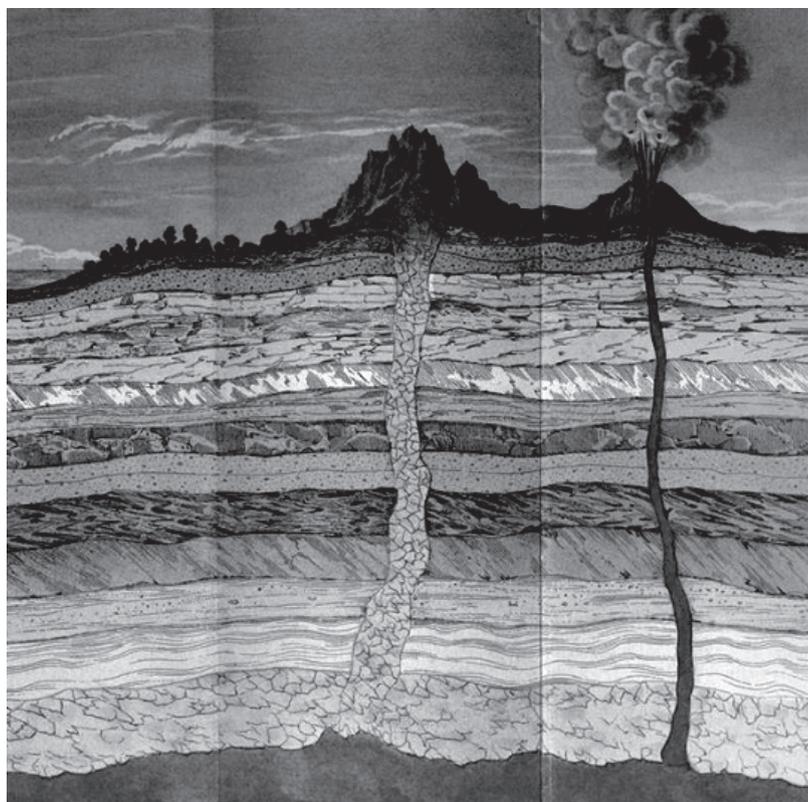
Faltava um jardim. Então a outra pista foi certa: está na mesma rua, porém em frente ao número 128. Dessa vez, Luiza foi à busca:

*– Carla, só vejo um Ficus na frente da casa. E parece uma bananeira logo atrás.*

Sem hesitar, Carla revelou o que estava escondido atrás das ditas plantas ornamentais, e enviou uma foto para registrar o achado. Era um quintal de fundo servindo de jardim de frente, que se revelava aos olhos dos que passavam ali na calçada. A máscara escondia o rosto da jardineira, que ora estendia o braço, com as mãos cheias de jiló, e oferecia à Carla.

*– Eu fiquei pensando naquele significado, porque era o nosso primeiro contato, e eu sei que as pessoas que doam plantas é porque ali tem um significado para elas. Eu ainda estou tentando interpretar porque eu recebi o jiló. O que a jardineira queria dizer com aquela doação específica? Por que não foi uma flor ou uma planta em vaso? Que missão ela estaria dando? De retomar? De incentivar plantar árvores frutíferas e alimentícias?, finalizou Carla.*

Quais seriam os segredos daqueles jardins e quintais? Naquele dia, trocamos muitas mensagens sobre as “guerrilheiras verdes”, imaginando quantas delas estariam na região, e quais seriam suas estratégias para fortalecer laços de vizinhança e formas de cultivo. Em um mundo em que o número de pessoas cresce exponencialmente, junto aos danos ambientais e à saúde, procurar novos paradigmas de produção e consumo, alternativos ao modelo de desenvolvimento urbano atual, deixou de ser uma escolha. É preciso atuar com urgência, estratégia e criatividade – dentro e fora do sistema. Tiraram as matas ao longo do córrego e hoje quem planta nesses terrenos é considerado fora da lei. É curioso os órgãos públicos fiscalizarem plantas no passeio por obstruir a circulação, mas os rios têm a circulação interrompida pela canalização e a mata inexistente. Ali, no coração do Cercadinho, brotaram jardins de resistência à privatização do alimento, mas também à mercantilização do espaço, das relações humanas e da vida.



# 5

## A Floresta de Mandrágoras

### **Estimadas Pintoras do gabinete de pintura Córregos Vivos,**

Fiquei deveras empolgada quando a pintora Louise abriu a possibilidade de enviarmos partes do nosso diário de viagem ao gabinete de vocês para que fossem feitas pinturas das paisagens que estamos conhecendo. Espero que estes pequenos relatos sejam capazes de provocar algum desejo em vocês, caso contrário, me comprometo a me dedicar mais minuciosamente a esta tarefa de relatar, que é nova para mim. Sabendo que hoje é dia do encontro de vocês gostaria de contar sobre uma curiosa localidade que conhecemos na semana passada.

Foi a 9 de outubro, às 20:30 da noite de uma sexta-feira de lua em quarto minguante, me encontrei com minhas companheiras Luiza e Sarah. Nestes tempos, os dias por aqui andam de intensa navegação, o que tem claramente afetado meu corpo, especialmente os meus ouvidos e talvez por isso tenho sentido constantes enjoos ao navegar. Para ouvir melhor minhas companheiras nos dias de conexão turbulenta, adotei a estratégia de colocar o fone de ouvido na altura máxima que meu computador permite, conseqüentemente tenho falado mais alto que de costume - o que é um volume bem insuportável para os que dividem comigo o ambiente doméstico, já que meu volume natural não é baixo e suave como o que se espera das fêmeas. Por vezes me sinto a própria Mandrágora. A Mandrágora é uma planta da família das Solanaceae e possui raiz bifurcada que lembram pernas humanas.

Assim como Oxum, que é a água, mãe da doçura e da benevolência, protetora das crianças e da gestação, mas também assim como o rio, que esconde correnteza e perigos atrás de sua suavidade, a Mandrágora é remédio e veneno. O uso da raiz para fins afrodisíacos, analgésicos, narcóticos e alucinógenos é muito antigo. Encontra-se registros de seu uso na Bíblia e em lendas medievais. Diz a lenda que a Mandrágora deveria ser colhida em noite de lua cheia, retirada da terra amarrada em uma corda puxada por um cão preto. Caso fosse colhida de outra forma, por outro animal ou pessoa, a Mandrágora gritaria tão alto que mataria quem a tirou da terra.

Esta introdução é para apresentar a mata que visitamos naquela noite. Para conhecer a Floresta das Mandrágoras precisei passar pelo meu corpo, conhecer a vibração de minhas cordas vocais e observar como as diferentes texturas de minha casa absorviam o som. Diferente dos relatos escritos pelas mulheres viajantes do século XIX, como Marianne North e Maria Graham, que ao viajar e deixar o ambiente doméstico, partem, por premissa, de um rompimento literal e simbólico da polarização dos papéis sociais estabelecidos para homens e mulheres, nós, viajantes do Google Earth do século XXI estamos experimentando uma fusão das esferas pública e privada. Sexta à noite, nos preparativos para nossa viagem à Floresta das Mandrágoras, cada uma de nós apresentava em seu quadradinho um cenário íntimo, umas com corpo suado e outra de cabelos molhados de banho recém tomado: eu na cozinha da minha casa, Luiza em seu quarto e Sarah na casa de sua mãe. Durante os preparativos conversamos sobre o medo gerado pelas matas urbanas, o medo de andar na rua, o medo do estrupo. Nos disseram que na mata se escondem os perigos. É nas matas que mora a bruxa das histórias infantis que ouvimos quando éramos pequenas e que não repetiremos para as nossas filhas, achamos pertinente trocar os irmãos Grimm por Silvia Federici. A bruxa é aquela mulher que faz um unguento de Mandrágora para voar, que ri alto, que envelhece, goza e faz festas em volta da fogueira ao luar com as amigas; é a mulher que conhece o segredo das plantas e se recusa em parir deitada sem maiores justificativas.

A Floresta de Mandrágora se situa às margens do córrego Ponte Queimada, na Bacia do Cercadinho. Para chegar à floresta não existem pontes, é preciso cruzar o rio a nado e se molhar. Apesar de ser um lugar do íntimo é um espaço não domesticado, não individual, é o espaço do comum, o espaço dos encontros. Naquela noite nos deparamos com uma floresta muito diversificada em espécies e hábitos. Encontramos árvores frutíferas e madeireiras, arbustos dos mais variados, ervas medicinais, aromáticas e trepadeiras das comestíveis e das de fazer cesto. Em Mandrágora as espécies são plantadas misturadas estabelecendo uma relação de mutualismo e companhia entre elas. Suas raízes estabelecem complexas relações e parcerias associadas à tolerância à sombra, à exigência ao tipo de solo e umidade e ao envio de mensagens quando da aproximação de novos herbívoros. Em um clarão na floresta encontramos estruturas de cozinha comunitária com fornos de pão, fogões à lenha, e longas mesas com bancos feitos das podas das árvores. Para a Floresta de Mandrágora, se renovar é preciso, por isso são feitas constantes podas.

Na mata mais fechada, amarradas às árvores e rodeadas por ervas aromáticas havia redes com casais deitados observando o céu de lua minguante e ouvindo o barulho de água corrente do córrego Ponte Queimada. Nesta noite não aconteciam maiores movimentações na floresta, já que como diz o ditado “Quando minguia a lua, não comece coisa alguma”. Os rios urbanos penetravam nos corpos das moradoras da Floresta das Mandrágoras, aconchegados nas redes. Certamente por essa fusão rio e corpo que se dava na lua minguante é que as moradoras desta floresta não tinham o terrível costume de jogar os dejetos ao rio. A cidade-floresta de Mandrágora era pensada com máximo respeito às águas. Os dejetos eram tratados na terra, com ajuda de plantas filtrantes, como bananeiras e taiobas.

Ao observar tudo isso, a viajante Sarah indicou a leitura: “Ensinamentos ancestrais africanos sobre a maneira de se relacionar”, da filósofa Sobonfu Somé.

Estimadas, colonizaram nossa forma de amar nossos corpos, nossas águas e uns aos outros.

Abraços calorosos,

**Núria**



# 6

## Granadas verdes do Ponte Queimada

*Solanum aethiopicum* – Sinônimo *Solanum gilo*

A 12 de Outubro de 2020, às 4h da tarde de uma segunda feira chuvosa, fiquei pensando na história do jiló que estava em um dos jardins do Córrego Ponte Queimada, e que foi presenteado à Carla por uma das guerrilheiras verdes.

O jiló é originário da África Ocidental, já teve o nome de *Solanum gilo*, mas hoje é classificado como *Solanum aethiopicum*. Curiosa com essa classificação, procurei ansiosamente pela planta-tipo do *S. aethiopicum*. Para esclarecer os nossos leitores, tipos nomenclaturais são amostras botânicas utilizadas para descrever, pela primeira vez, um táxon para a ciência; sendo dessa forma, uma documentação fundamental para a Taxonomia, a disciplina biológica que define os grupos de organismos biológicos com base em características comuns e dá nomes a esses grupos. Após exaustivas navegações online e buscas através de ferramentas que permitem o usuário acessar virtualmente trabalhos acadêmicos, artigos, teses, dissertações e outras publicações úteis, encontrei a obra princeps do *S. aethiopicum*, como são chamadas pelos botânicos as obras de descrições originais das plantas.

Para minha surpresa, descobri que o jiló foi descrito por Carl Linnaeus, um dos maiores naturalistas que já existiu, criador da nomenclatura binomial (por isso as espécies levam 2 nomes, por exemplo *Solanum & aethiopicum*) e da classificação científica, sendo assim considerado o “pai da taxonomia moderna”. A descrição foi feita em 1756, e naquela época eram feitas em latim, e se lia: caule inermi herbaceo, folia ovatis dentato-angulatis, penduculis fertilibus unifloris. Felizmente, havia descrições posteriores feitas por variados autores em outros idiomas, já que sou uma jovem botânica viajante e meu latim não é tão rebuscado como o do Linnaeus, e transcrevi algumas partes modificadas para esse relato:

Jiló é o fruto da planta conhecida como jiloeiro, o qual é muito cultivado no Brasil. Essa planta pode atingir 1,5 m de altura, seus ramos são verdes, recobertos por pêlos, possui flores brancas e seu fruto possui formato oblongo e alongado, de

sabor amargo. O jiló tem carboidrato, proteínas, sais minerais como cálcio, fósforo, ferro e magnésio, além de vitaminas A, vitaminas complexo B e C. No entanto, a sua vitamina C pode ser perdida devido ao cozimento. O jiló bom para o consumo deve ser liso, brilhante, firme e sem machucados. Sua cor deve ser verde por igual (quando apresenta sabor menos amargo), pois manchas amarelas indicam que o fruto já amadureceu.

Uma planta oriunda da África, descrita por Linnaeus há mais de 200 anos atrás, estava sendo cultivada por uma guerrilheira verde ali nas ruas do Cercadinho, talvez por gerações, de avó para mãe e filha, ou simplesmente entre os parentes e vizinhos. Poderíamos nos perguntar como ela foi parar ali, por doações de mudas, sementes ou simplesmente compradas em algum armazém de esquina. O jiló é uma palavra bantu. Esse vocábulo faz parte do universo africano e mineiro. Assim como o maxixe, angu e quiabo. Chegou ao Brasil e ganhou um lugar especial na cozinha – há aqueles que torcem o nariz para comê-lo, mas certamente não conhecem os segredos desse alimento. É primo não muito distante do tomate (*Solanum lycopersicum*), da beringela (*Solanum melongena*) e da batata (*Solanum tuberosum*), são todos do mesmo gênero (*Solanum*) e pertencentes à família de plantas Solanaceae. O jiló é a mais amarga delas, aquele parente rebelde, ou até mesmo revolucionário. Minha avó sempre me disse que, para tirar o amargor, era necessário retirar a casca e cozinhar no vapor. Nunca deu certo para mim. Só aprecia quem realmente o conhece. Há registros de que na Nigéria, o ovo de jardim, nome local da planta, é usado pela etnia Igbo para receber os convidados em casa ou antes do reinício de uma cerimônia tradicional.

Foi então que comecei a lembrar das guerrilhas verdes de Nova Iorque. Dizem que nessa cidade, na década de 70, nasceram várias hortas comunitárias no intuito de recuperar terras da metrópole, o que incluíam terrenos baldios. Esses movimentos ficaram conhecidos como Green Guerrilhas. A artista Liz Christy juntou-se a Donald Loggins e outros vizinhos e resolveram fazer algo em relação ao quadro de abandono no qual a cidade vivia. Misturaram sementes e fertilizantes dentro de bexigas e camisinhas e jogaram por cima das cercas de terrenos baldios. Em pouco tempo, chamaram a atenção para um terreno na esquina das ruas Bowery e Houston: onde antes se via um terreno baldio cheio de entulhos, surgiu um enorme jardim comunitário. Esse jardim é hoje conhecido como Liz Christy Community Garden, e relatos de Loggins ressaltam que as pessoas na época ficaram impressionadas com tais jardins e começaram a pedir instruções de como fazer as granadas verdes e replicar a mesma experiência nos seus bairros. Me lembrei da morfologia do jiló, o tal ovo de jardim africano, e logo levantei a hipótese de que eles só poderiam ser

as granadas verdes do Córrego Ponte Queimada. Planta misteriosa e carregada de simbolismos e dualidades, planta de dois nomes, que camufla seus altos valores nutricionais em um amargor especial, planta africana e mineira de coração, repassada silenciosamente por guerrilheiras em quintais de combate.



# 7

## Belvedere

*As torres mirantes e os jardins de cerrado*

### **Estimadas Pintoras do gabinete de pintura Córregos Vivos,**

Vimos por meio desta carta-áudio convidá-las a retratar paisagens avistadas e narradas em nosso *Diário Imaginista de conexões instáveis*.

Começaremos por uma paisagem descoberta hoje no frescor da manhã. A aventureira Carla Magna logo no início de nossa reunião, convicta da importância desta região, nos guiou para o sudeste da bacia. Foi certa ao dizer que tínhamos que percorrer uma curiosa localidade chamada Belvedere. Os ventos não estavam favoráveis e inicialmente nos guiavam para a região Havaí a nordeste da bacia, mas Carla é incansável, brava marinheira, nos conduziu a esta localidade com nome de mirante, ela queria nos mostrar um certa lagoa seca com jardins.

Ao chegar na região indicada pelo mapa nos deparamos com torres altíssimas, vertiginosas, muitas em construção, localizada no topo de montanhas por onde jorram águas cristalinas. A forma da localidade tem relação com sua história. Dizem que os moradores de Belvedere vivem há anos em conflito. Por gerações os moradores disputam quem teria a melhor vista, por isso constroem suas casas uma sobre a outra, formando torres altíssimas. Esta relação também justifica o porquê da localidade estar sempre em obra. Sempre há alguém construindo nos topos das torres de Belvedere. Outra curiosidade é que a medida em que os moradores vão construindo e se mudando para o topo das torres, eles vão abandonando as casas mais baixas. Dizem os antigos que as ruas de Belvedere costumavam ser muito movimentadas, com longos engarrafamentos de veículos individuais. Mas com o tempo, com o aumento da altura das torres, estes moradores começaram a se locomover pelo ar e não mais pelas ruas. Gradativamente estas ruas foram tomadas por espécies que já haviam habitado a região em períodos anteriores à ocupação dos moradores, árvores retorcidas, gramíneas, canelas de ema, nas partes mais baixas e úmidas podemos encontrar cipós, epífitas, árvores com grandes copas e até mesmo macrófitas diversas dentro dos córregos. Correndo por meio desta

vegetação não é raro encontrarmos lobos guarás, tamanduás, cachorros do mato, cachorros vinagre, antas, jaguatiricas e outros bichos incríveis que não sou capaz de descrever então deixo para vocês imaginarem até que tenhamos um relato mais preciso de nossa bióloga Luiza.

Termino este breve relato agradecendo nossa companheira Carla por mais uma rica aventura e espero que a partir de nossa descrição seja possível retratar as maravilhas que avistamos.

Abraços calorosos,

**Núria**

\*\*\*

**– Viajante Elisa:**

Cara viajante Núria,

Fiquei muito intrigada desde nossa última viagem, com o modo de vida das pessoas de Belvedere. Passei os últimos dias me perguntando o que poderíamos propor para que esse povo descesse de suas torres e voltasse a viver junto da terra e da água, dos bichos e das plantas?

**– Viajante Núria:**

Cara Elisa, acredito que os moradores de Belvedere não se relacionam bem com os bichos de baixo. Nessa disputa incansável de quem tem o melhor mirante - hábito que origina o nome Belvedere, se esquecem de olhar para a terra, para o chão. Estão mirando sempre o céu, o topo.

Estudam muito sobre os bichos, nos livros. Porém, não os tocam. Não gostam de cachorros do mato, nem de cachorros vinagre. Costumam ter em seus apartamentos, no alto, cachorros vindos de outras localidades, que trazem também de avião.

No entanto, se descemos o rio que ali nasce, logo chegamos à localidade de Havaí, onde acredito que encontremos relações diferentes entre humanos, plantas e bichos.

Nessa outra região, dizem que os rios se misturam ao sangue dos seres ali habitantes e percorrem seus corpos por inteiro. Seus corações se comunicam com os corações das bananeiras.

Sugiro que façamos uma viagem até essa localidade o mais breve possível.

**– Viajante Elisa:**

Navegante Núria,

que curioso fato, duas localidades assim tão próximas, ligadas por um mesmo rio, com hábitos tão diferentes.

Desconfio que, se bem investigarmos, ainda encontremos em Belvedere, talvez nos subterrâneos, elementos que possam atrair de volta seu povo para mais perto de suas raízes.

Que tragédias terá vivido esse povo para que não olhem mais para seu chão, que não olhem mais para suas águas?

**– Viajante Núria:**

Cara Elisa, fico comovida ao ouvir seu relato de esperança para o povo de Belvedere. Confesso que ao ver aquelas enormes torres disputando pelo céu, meu corpo foi tomado por uma intensa raiva, atingindo profundamente meu fígado. Imaginei enormes ondas, de águas vindas desde o subterrâneo e destruindo todas as torres.

No entanto, espero que seus desejos e sua visão estejam certos.

Quero dizer que compartilhar esses momentos com vocês, minhas companheiras de viagem, me traz um frescor e uma nova forma de respirar. Espero que nossas aventuras percorram muitos territórios.

Abraços e até breve.

**– Viajante Elisa:**

Amável parceira Núria,

abraçe seus sentimentos sem julgamentos,

entendo que o que você chama de raiva possa ser também um veículo da cura e da renovação.

Talvez não seja assim tão mal um grande dilúvio, uma cura pelas águas, o que nos faria entender a força e a potência da ruína.

Com carinho e esperança,

Elisa

### **– Viajante Luiza:**

Caras Imaginaristas,

trago pistas de minhas investigações botânicas que, creio, poderão lhes interessar. Entendo que os moradores que ora habitam as altas torres nunca se atentaram para os demais seres que co-habitavam a região na época em que começaram suas escaladas rumo ao céu.

Mas talvez seja hora deles se surpreenderem!

Proponho que façamos iscas de frutas do cerrado, que em nossa visita encontrei aos pés das torres! Mangaba, araticum, baru, cagaita, murici, pequi. São tantas e seus aromas tão exuberantes, que certamente atrairiam os moradores lá do alto aqui para baixo de novo.

Talvez poderiam se embriagar com as essências cítricas e adocicadas dos frutos e isso poderia mostrá-los novamente como é o chão e como são as águas que aqui correm.

Estou neste momento olhando para o mapa e percebo a localidade da antiga lagoa seca, que hoje se tornou uma vereda repleta de buritis!

### **– Viajante Carla:**

A região de Belvedere é hoje habitada por um povo de muitas posses.

Caso se interessassem, poderiam, em um piscar de olhos, trazer muitas melhorias para todo o Córrego do Cercadinho.

Quem me dera piratearmos seus desejos, cooptarmos os seus sonhos de consumo rumo ao desejo da natureza.

### **– Viajante Luiza:**

Caras amigas viajantes,

imaginem só: nadar, comer buritis e repousar com a melodia de psitacídeos coloridos.

Não posso imaginar moradores, que se dizem admiradores de um belo panorama, recusando uma experiência assim.

Tenho certeza que após se esbaldarem nas veredas, esses ditos moradores entenderiam o que é abundância, e barris de cervejas seriam doados para aquelas que lhes fizeram vivenciar novamente as maravilhas do cerrado e suas variadas fitofisionomias.

### **– Viajante Elisa:**

É possível, amigas viajantes, que tal modo de vida dos miradouros de Belvedere, venha de um enfermidade que se manifesta pela hipertrofia do sentido da visão. De fato, se conseguirmos com eles realizar algum tipo de terapia continuada, como pelo olfato, paladar e audição, como nossa bióloga bem astuta sugere, e ainda pelo tato, com as temperaturas frescas das águas, creio que podemos neles redespertar neles a percepção do próprio corpo e com isso do próprio corpo com o corpo do mundo.

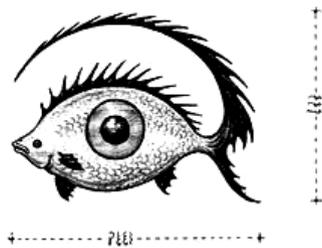
Será possível que eles se libertem da atual dissecação dos corpos e voltem a deixar correr em seus corações e veias o mesmo líquido dos rios e das bananeiras?

### **– Viajante Luiza:**

Navegantes imaginaristas, sim! Visualizo postos de recuperação dos sentidos.

Como já relatado pela sagaz aventureira Carla Magna, esses postos deveriam levar nomes que ora foram regiões no passado: Posto Buritis, Posto Palmeiras, ali eles poderiam recuperar sentidos do olfato, paladar e tato. E nos últimos módulos de recuperação eles passariam pelo Posto Olhos D'Água, para enternecer-lhes a visão novamente.

O clímax da recuperação seria no Posto Estrela D'Alva, onde, eles que gostam das alturas, poderiam finalmente vivenciar céu, terra e água em sua total complementaridade.



# 8

## Havaí

### *Em buscas de rotas biogeográficas originárias*

Mucuri/Bahia, 22 de Outubro de 2020

Perdi o sono quando comecei a lembrar da paisagem descoberta em Belvedere, lembrando dos moradores que não tocam mais o chão. Na minha postura investigativa, queria saber de onde estavam vindo bichos e plantas que tomaram conta das ruas entre as altas torres, deveria haver um corredor ecológico por ali.

Durante a madrugada, naveguei pela Bacia do Cercadinho e após vasculhar cursos de água, casas, prédios e esquinas, procurando pistas de conexões verdes da paisagem, me lembrei de um fato. Há algumas semanas atrás, havia recebido a foto de uma agente de saúde na região, na legenda ela dizia que tinha encontrado uma casa muito diferente no Havaí, que ficava a poucos metros do córrego e tinha a fachada tomada por plantas. Na mensagem ela reforçou que poderia ser uma fonte interessante. Quando cheguei próximo do local narrado, não podia imaginar aquele cenário. Quis ligar para Carla, Sarah, Núria e Elisa, mas eram quase duas horas da madrugada e elas provavelmente estariam dormindo. Talvez Núria e Elisa não, por estarem cuidado de Rita e Lino, mas não quis atrapalhar.

Me vi perdida pelas ruas de Havaí. Por ali era difícil entender o que estava acontecendo. Achei a casa relatada pela agente: cipós se emaranhavam em ritmo ao redor da moradora. Seus braços se confundiam com os galhos lenhosos, acho que estavam fusionados. Dizem que os moradores de Havaí nunca largaram o chão, e de tanto pisarem firme por ali, acabaram criando raízes. Eram raízes profundas e ramificadas, que lhes permitiam atingir o lençol freático. Por isso nunca faltou água. Resolvi entrar na casa, para meu espanto ali estavam o cactus *Arthroceres glaziovii*, a violeta *Sinningia rupícola* e a orquídea *Gomesa gracilis*. A dona da casa gentilmente me disse que elas nunca haviam saído dali. Comentou que os moradores de Belvedere, na época que ainda tocavam o chão, tinham o estranho hábito de tirar ferro das montanhas e seu entorno, para fazer uns equipamentos que os ajudariam a subir cada vez mais, o que matava plantas e bichos. Então disse que durante esse processo, essas espécies se esconderam entre as raízes da vizinhança de Havaí,

e que hoje eram abundantes em todo território. Fiquei espantada, porque achava que aquelas plantas eram raríssimas e ameaçadas. Quis pegar uma amostra para fazer análises de DNA e confirmar a identificação das espécies, mas a moradora antecipou que não era preciso. Enfiou os olhos debaixo da água e virou peixe. Pelas lentes límpidas do seu olhar eu pude enxergar os caminhos percorridos por aquelas espécies, confirmando suas rotas biogeográficas originárias.

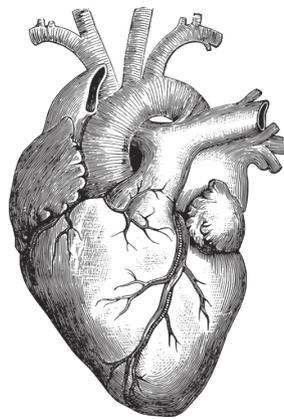
Dizem que em Havaí é possível inventar o tempo. Lugares insulares guardam sempre padrões à parte, especiais e inspiradores, já diziam os naturalistas Humboldt, Darwin e Mc Arthur & Wilson. De volta à sua forma de mulher, a moradora me sugeriu pensar em Gondwana, aquele supercontinente que ligava América do Sul e África. Acho que tive dificuldades em fazer a conexão. Fechei os olhos, creio que não consegui chegar ao supercontinente, afinal, sou aspirante a viajante do tempo. Quando dei por mim, estava no Paleozóico, rodeada de preguiças gigantes e tatus do tamanho de fuscas. A moradora, delicadamente, me disse que eles saíam do seu quintal para Belvedere, todo dia migravam muitos bichos e plantas para habitar os terrenos entres as torres. Fiquei imaginando as preguiças gigantes tentando escalar os enormes edifícios. Mais incrível foi ver em um bloco rochoso a famosa *Pitcairnia feliciana*, uma planta endêmica da Guiné central na África Ocidental e a única espécie de bromélia que não é nativa das Américas. Essa planta era encontrada crescendo em afloramentos de arenito das terras altas de Fouta Djallon, no centro da Guiné. E agora crescia ali nas terras altas e rochosas do Quadrilátero Ferrífero. Diferentemente dos moradores de Belvedere, os habitantes de Havaí gostavam de ter mais de uma espécie de bromélia nos seus quintais, e não somente uma espécie dominante. Mais interessante, eles não arrancavam as plantas das rochas que habitavam a região, mas encontravam mágicas rotas guardadas na memória das plantas e materializadas na rica biodiversidade, e que depois eram usadas em complexos sistemas de curas. Pacientemente, a moradora disse que África e América do Sul ainda se fundiam ali, num movimento orogenético potente, e já que eu não tinha chegado a Gondwana, reforçou que ainda podia experimentar os dois continentes de uma vez. Eu queria muito levar uma amostra, então a moradora arrancou uma estaca do cipó africano lágrima-de-cristo da frente da casa, em que podia-se ver as flores vermelhas com cálice rosado. Mas antes de me entregar, ela me alertou do risco: uma vez em contato com aquelas plantas, o DNA dos meus sentidos e o meu senso de orientação nunca mais seriam os mesmos.

**Anotações:**

Carla nos diz que há podemos ver o Havaí como uma ilha, envolta pelos dois rios – Cercadinho e Ponte Queimada.

Os moradores do Havaí eram trabalhadores das antigas fazendas e foram desapropriados pela prefeitura. Eles choraram muito quando tiverm que sair. Choraram de encher o rio, como chuva de verão.

“O Havaí, seja aqui  
Tudo o que sonhares  
Todos os lugares  
As ondas dos mares  
Pois quando eu te vejo  
Eu desejo o teu desejo”



# 9

O dia em que eu pari begônias

**Estimadas viajantes, Núria, Sarah, Carla e Eilsa,  
Estimadxs pintorxs do Gabinete de Pintura,**

Um fato curioso me ocorreu em meio à brisa baiana. Só sei que foi antes do meio dia, pois o sol ainda não estava tão forte. Ali do lado da rodovia, carros e motos emitiam seus ruídos, que ecoavam até o oceano. Caminhava com minha tesoura de poda, buscando plantas da restinga. Meu corpo pedia para mover, pois nesses últimos dias tenho usado intensamente o cérebro, enquanto miro uma tela luminosa, e uma fadiga muscular começou a tomar conta de mim. Senti que era hora de explorar novas atividades, menos domésticas e mais selvagens. Fui em busca de frutos de dendê, pois agora vivo perto do mar. Enquanto isso, lembrava da Cida, Marlene, Judith, das guerrilheiras verdes do Ponte Queimada. São tantas histórias de mulheres que guardam o mundo em seus quintais. Pensei no tanto que precisamos de cuidado e atenção para sobreviver. Não tenho filhos. Tenho medo de ter. Tenho medo de não ter. Nos impuseram tanto medo. Tenho medo do medo. Pisando na areia, descobri pequenas sempre-vivas, bromélias, palmeiras, antúrios, típicas da restinga. Viajei no mundo de preferência das plantas, que se distribuem pelo mundo de forma tão espontânea. Escolhendo onde querem ir. Ora levadas pelo vento, ora pelos animais. Quis ser levada para algum lugar. Qualquer lugar, só queria mesmo me deslocar. Me lembrei do Cercadinho. Da ideia de bacia hidrográfica, do rio que é filho do outro. Imaginei essa genealogia, sem dicotomias, em rede. Não tem um que viram dois, um vira o todo. Fechei os olhos e imaginei os olhos d'água, jorrando, pulsando, passando pelo Cercadinho, Ponte Queimada, Arrudas, Velhas, São Francisco, e chegando ali aos meus pés, em pleno Atlântico. As histórias me preencheram e transbordaram. Caíram no chão, bem aos pés da Rosa, que me chamou para entrar na sua casa. Um pouco tímida. Tinha a pele ondulada como o mar. Me disse que antes morava perto do rio, puxou um um papo qualquer. Ofereceu café, fraco e com açúcar. Elogiei seus antúrios, e recebi um sorriso de volta, ficou feliz que eu gostava de plantas. Aqui em casa sou eu que cuido das plantas - me dizia ela - e saio distribuindo para todo mundo, se me faltar algum

dia, sei onde encontrar. Depois me mostrou um vaso, que cultivava desde de que havia se mudado, - plantas que a gente gosta a gente carrega. Me insistiu para entrar mais, fez questão de mostrar o berçário. Carinhosamente, ela contava que as crianças haviam esbarrado nas suas suculentas, caíram muitas mudas, mas ela rapidamente cuidou para colocá-las de volta à terra: essas são as filhas, olha aqui que bonita a mãe. Rosa não parecia ter medo de ter filho. Não sei se os teve. Ela com certeza gostava de cuidar, me esforcei para percorrer em que momento da humanidade esse cuidar passou a ser invisível, menosprezado, desvalorizado, explorado e apropriado. A mãe de Rosa escolheu bem seu nome - ela também devia gostar de plantas. E no momento daquele pensamento, Rosa me estendia a mão, com um punhado de estacas de begônias. Ela tinha muitas espécies, das mais variadas cores. Disse que eu podia cortá-las em muitos pedaços, e fazer várias mudas, e depois distribuí-las para quem eu quisesse. Não sei bem o que aconteceu depois, só sei que aquele dia eu pari begônias.





# 10

## Palmeiras

*Cuidar: um trabalho sem fim , sem utilidade.*

Foi a 2 de novembro, feriado de finados, que fiz pela manhã, antes de minha filha acordar, um passeio solitário às margens do córrego Ponte Queimada à noroeste da bacia do Cercadinho. Observando a vegetação da borda do rio me deparo com uma flor grande, de miolo amarelo, parecendo um girassol. Na sequência, plantas miudinhas azuis, talvez sejam as conhecidas azulzinhas de nome científico *Evolvulus glomeratus*, planta nativa, perene e muito usada em paisagismo para maciços, forrações, bordaduras e também em vasos. Com o mouse, vasculho ao redor do jardim e encontro um um senhor de pé no passeio, ele veste bermudas, camisa e chinelos e tem o olhar fixado nas flores.

Os leitores paisagistas dirão que este jardim não tem nada de excepcional em termos de composição paisagística e os ecólogos talvez dirão que este jardim também não tem nenhuma função de proteção ciliar. É um jardim inútil. É certo que se tivessem sido plantadas árvores nativas o resultado seria, além de mais duradouro, mais “útil” em termos de reestruturação de uma APP. Mas o que torna aquele jardim especial, o que o que prende meu olhar naquele trecho durante o passeio pelo Street View, é justamente o contrário do duradouro e do útil. Às margens de um córrego poluído e descuidado, cercado por uma estreita faixa de plantas ruderais que crescem espontaneamente, se encontra um jardim minúsculo, cuidado, florido, um trecho de vida em meio ao descaso. Um círculo amarelo com pontinhos azuis resistindo a utilidade . A fragilidade do jardim e a persistência de quem cuida marca um ponto de resistência. Inegavelmente, vitalidade e cuidado cotidiano são resistência em um cenário de morte, destrato e em um mundo de utilidade e produção.

\*\*\*

## **Prezadas viajantes do mundo vegetal vivente**

Ao ler vosso relato sobre o passeio solitário às margens do córrego Ponte Queimada observando a vegetação, lembrei-me dos antigos habitantes dessa terra. Provavelmente em suas visitas, além da vegetação hoje na superfície, encontraram vocês remanescentes arqueológicos e restos vegetais, nos sucessivos estratos, incluindo sementes, vestígios dos quintais e terreiros quilombolas, rastros de plantas medicinais utilizadas pelas curandeiras, memórias de um modo como os viventes se arranjavam nessas terras de beira rio. Teriam vocês já arquivado os nomes e alguns breves registros dessas plantas? Poderiam nos encaminhar uma lista dessas plantas que outrora existiram nesse sítio arqueológico, hoje chamado de Havaí (há que se pesquisar a origem desse nome), para que possamos produzir imagens que incluirão: desenhos, pinturas, nomes e funções das plantas? A vossa disposição.

**Assina Louise, do Gabinete de criação pictórica desejante sensório-artesanal de apreensão de impulsos perspectivos de fatos imponderáveis da vida.**





# 11

## As ruas com nome de planta

Rua Mulungu, que é uma árvore de cerrado muito usada na arborização urbana.  
Em seguida vem a rua Cipreste, espécie muito usada em projetos paisagísticos.

Rua Platano que significa banana em espanhol.

Rua Crisântemo, que \_\_\_\_\_

Rua das orquídeas ,que \_\_\_\_\_

Rua das amendoeiras, que \_\_\_\_\_

Rua da Zinia, que \_\_\_\_\_

Rua Pappoula Branca, que \_\_\_\_\_

Rua Estrelitza, que \_\_\_\_\_

Rua Petúnia, que \_\_\_\_\_

Rua Malva Vermelha, que \_\_\_\_\_

Rua das Quaresmeiras, que \_\_\_\_\_

Rua Malva vermelha, que \_\_\_\_\_

Rua dos álamos, que \_\_\_\_\_

Rua peônia, que \_\_\_\_\_



Mundo mundo vasto mundo  
Mais vasto é o meu coração

Meu coração vagabundo  
Quer guardar o mundo em mim

# 12

## Coração Magoado

*Os seus, os meus, os nossos*

– *Todo jardim tem um Coração Magoado*, nos diz Carla.

Ao ouvir a frase senti de imediato a sua confirmação,  
 com uma fisgada no peito e um gostinho amargo na boca.

– *Sim*, eu digo.

Mágoa é feita de água,  
 oceano fundo que nos banha o peito.

Suas ondas balançam entre coração e garganta:  
 maré alta - maré baixa.

Maré alta, por vezes transborda, encachoeira-se nos olhos e corre, qual rio salgado,  
 pelas bochechas.

Maré baixa, embrenha-se no corpo, infiltra nos subterrâneos, busca seus  
 subterfúgios,  
 (res) guarda-se.

Deixa-lhe o tempo passar, diz a jardineira.

Tem a hora certa, completa.

Um dia, brota da terra em forma de planta de fogo e sangue,  
 seu veludo vermelho-roxo-rosa-choque,  
 espécie de folhagem-flor.

Rústica, agrada-lhe sombra e sol,  
 fica bem em grupos, maciços  
 (não tolera o frio extremo).

Sua muda não se rouba  
 deve ser recebida, presenteada,  
 dádiva de mágoa e amor.



# 13

Os olhos de minha avó

Conceição, Evaristo, é nome de minha avó. E a Fazenda Olhos D'água é o lugar onde nasceu. Será que tudo é coincidência? Ou estamos unidos por raízes?

Estamos na pandemia, em setembro de 2020. E são nossas raízes, nossas avós e avôs, neste momento, nosso maior patrimônio, que mais estão em risco.

Com eles, os segredos dos plantios, dos chás, da força indígena.

Não me lembro dos olhos de minha avó. As fotos são em branco e preto. Mas, assim como ela, que furou um buraco na parede de adobe, pra ver o marido que o pai escolheu para ela (e foi uma história de amor), na tentativa de ver, fizemos esse passeio pela Bacia do Cercadinho. Na busca de descobrir a cor dos olhos desses córregos e matas. E mostro os seguintes jardins encontrados:

Passeando pela mata, em busca de lenha, pela Estrada do Cercadinho, nome da Fazenda Cercadinho, que com o tempo floruiu e virou **Bairro Mata da Lenha**, hoje **Salgado Filho**.

E voltando ao passado, passei por uma divisa onde tinha muitos jardins! **Bairro Jardim América**.

Continuei o caminho e encontrei lugar com muitas árvores, parecia um parque, cortado por córrego lindo, o Ponte Queimada! **Parque São José**.

Do outro lado do Córrego havia outro, e eles se encontravam nesse ponto. Lugar cercado por dois córregos, parecia uma ilha, e suas ruas carregavam nomes de Flores! O **Havaí**.

E se tínhamos uma ilha de Córregos, tínhamos também o vento que sopra a tarde! O **Marajó**.

E nesse cenário de mata, águas, ilhas, ventos, não poderiam faltar as palmeiras, comuns na região! **Bairro Palmeiras**.

E nesse vento da tarde, nesse por-do-sol tão lindo e rosado que temos, não precisamos nem anoitecer para ver as estrelas. À tarde temos a Dalva! **Bairro Estrela Dalva**.

E nesse contorno rosa, como que em poesia de Guimarães Rosa, nós avistamos o

Buriti, uma homenagem ao cerrado mineiro. **Bairro Buritis.**

E tudo isso é quase um Paraíso! **Vila Paraíso.**

E ao subir o topo de onde se vê o Belo Horizonte: **Belvedere!**

E nesta vista avistamos na foz do Cercadinho, lugar de felicidade! **Várzea do Felicíssimo, Bairro Betânia.**

E bem próximo às margens do Arrudas, a **Vila Betânia.**

Eram tantas nascentes e água que corria pelas ruas! **Bairro Olhos D'água.**

E parecia mesmo tudo uma escultora barroca! **Nova Barroca.**

E se tínhamos a Estrela Dalva durante a tarde, à noite tinhas a estrela do Oriente! **Bairro Estrela do Oriente.**

E se passaram mais de 50 anos! **Bairro Cinquentenário.**

E digo que esses são os Jardins Vivos que cinco viajantes imaginárias encontraram.

Cercadinho Vivo

Ponte Queimada Vivo

Córregos Vivos

Jardins Vivos

“Quem não tem jardins por dentro,  
não planta jardins por fora e nem passeia por eles” – Rubem Alves





“Pergunto coisas ao Buriti, e o que ele responde é: a coragem minha. Buriti quer todo o azul, e não se aparta de sua água”. – Guimarães Rosa.

# 14

O fogo e a água

As queimadas e as enchentes. O silêncio e a raiva.

Fogo. O fogo que arde sem se ver.

Começamos a nossa expedição pela foz da bacia do Cercadinho. Havia deixado as proximidades das nascentes para o final. Mas, como disse Drummond, no meio do caminho tinha uma pedra. Essa pedra era a segunda queimada do ano. Por sorte, já estava munida dos jilós de uma jardineira Guerrilheira Verde.

No coração da mata, existe um coração magoado, Elisa.

Um coração cheio dos olhos d'água.

Nós temos, nesse local, plantas da Mata Atlântica e do Cerrado .

Dizem que o Cerrado é a Mata Atlântica ao contrário. A importância das raízes é para captar a água e levar para o lençol freático. Para guardar em si essa água e gotejar aos poucos tornando nosso clima agradável. O Cerrado é de crescimento lento. Já é considerado extinto, devido à constante degradação.

No ano em que as queimadas bateram o recorde, a indígena Daiara Tukano pintou o mural "Mãe Selva com o Menino Rio" no festival Cura BH – Circuito de Arte Urbana. Uma indígena Selva carregando um menino Rio no colo, para lembrar que não existe água, sem selva.

Se a Terra é nossa mãe, fico pensando o que nos separa e o que nos une? E conheço um indígena, seu nome significa Chuva, que deu voz a essa pergunta.

O Córrego Cercadinho foi primeiro ponto de captação de água que alimentou BH. E agora BH, como retribui a sua mãe? Esqueceu a cor dos olhos dela?

Não se aparte de suas águas, Buritys.



Jardins por vir. Em processo. Sementeira

# 15

Pé de Cana

Em uma nascente do Cercadinho, tem um pé de cana (tem foto da cana). Em volta do pé, cresceu um jardim. A cana, cada dia mais cuidada, transbordou, virou cachaça, pra celebrar. Cana feliz.

# 16

Sr. Geraldo e a Palma Aracea  
Procissão do Domingo de Ramos

# 17

Superplantas

Crotalária, planta fixadora de Nitrogênio que deixa o solo fértil para outras brotarem. Talvez seria a história da Salete e Carla. Professoras do ensino infantil.

# 18

As jardineiras que somos





Este livro foi realizado com recursos  
da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte

TERRA  
COMUM

1ª mostra  
**córregos**  
vivos

REALIZAÇÃO:



PATROCÍNIO:



INCENTIVO:



CULTURA



PREFEITURA  
BELO HORIZONTE  
GOVERNANDO PARA QUERER PREZERVA

projeto nº1243/2017